

# A experiência do ser humano cartesiano

Juliana da Silveira Pinheiro\*  
Data de submissão: 30 maio 2011  
Data de aprovação: 18 jul. 2011

## Resumo

O presente artigo pretende apresentar a idéia de que o ser humano cartesiano é uma entidade para ser sentida, muito mais do que claramente pensada. Neste sentido, a testemunha do que somos é dada pelas paixões, e não pelo puro entendimento. O dualismo cartesiano – tese de que o ser humano é constituído por corpo e mente, ambas substâncias distintas – leva-nos a pensar o homem como um composto de duas coisas incompatíveis. No entanto, a experiência sensível nos revela um ser humano, cuja mente e corpo estão unidos e interagem entre si, formando uma unidade substancial. Embora a noção da união entre mente e corpo seja dificilmente concebível diante do dualismo de Descartes, ela é cotidianamente experimentada. No âmbito da vida prática, o ser humano cartesiano é mais uma experiência do que sentimos ser, do que pensamos claramente ser.

**Palavras-chave:** Descartes; ser humano; paixões; entendimento.

## Abstract

This paper aims at presenting the Cartesian idea of a human being as an entity to be felt, instead of clearly thought. From this point of view, the testimony of what we are is given by passions, not by pure understanding. Cartesian dualism – the thesis that a human being is constituted of body and mind, both distinct substances – leads us to think of man as a composite of two incompatible things. However, sense experience reveals us a human being, whose mind and body are united and interact, as a substantial unity. Although the notion of union between mind and body is hardly understood in the face of Descartes' dualism, it is everyday experienced. In practical life, the Cartesian human being is more an experience of what we feel, than of what we clearly think to be.

**Keywords:** Descartes; human being; passions; understanding.

---

\* Doutoranda em Filosofia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

## Introdução

Uma interpretação tradicionalmente conhecida a respeito do homem cartesiano apresenta o puro pensamento como o veículo de acesso à natureza humana. Ou seja, cabe à faculdade de conceber a capacidade de conhecer o que somos. Distinguindo a alma do corpo, o cartesianismo institui um dualismo de substâncias pelo qual o homem é uma dualidade corpo-espírito. Trata-se de uma distinção baseada no que *concebemos*, ou seja, na percepção clara e distinta da mente e do corpo. Para Descartes, percebemos com clareza e distinção que a alma é pensante e não-extensa, e o corpo é extenso e não-pensante. Portanto, do ponto de vista do entendimento<sup>1</sup>, corpo e alma são substâncias de natureza completamente distinta. Esta compreensão dualista leva-nos a abordar o ser humano do ponto de vista da dicotomia físico-mental.

Neste texto pretendemos apresentar uma outra interpretação sobre a concepção de homem na doutrina de Descartes, visando considerar a totalidade do ser humano. Trata-se de um caminho diferente do trilhado pelo entendimento, pois questionamos se é pelo puro pensamento que chegamos ao homem como um todo. Deste ponto de vista, uma perspectiva adequada para tratarmos desse assunto é proporcionada pelas *paixões*, segundo a qual a *experiência sensível* mostra a condição humana do ponto de vista da interação entre mente e corpo. Nesta direção, o homem é um único todo, e não uma dualidade. A distinção entre físico e mental não é percebida

---

<sup>1</sup> “Entendimento” possui duas conotações no sistema cartesiano. Num sentido mais geral, “entendimento” é sinônimo de “coisa que pensa”, “espírito” e “alma”, quando, por exemplo, Descartes diz: “*Je ne suis donc, précisément parlant, qu’une chose qui pense, c’est-à-dire un esprit, un entendement ou une raison*” (Descartes, 1953d, p. 277). Num sentido mais específico, “entendimento” é apenas uma das faculdades da alma, uma das operações da alma. É o que Descartes sugere quando apresenta os diferentes modos do pensamento: “*Par le nom de pensée, je comprends tout ce qui est tellement en nous, que nous en sommes immédiatement connaissant. Ainsi toutes les opérations de la volonté, de l’entendement, de l’imagination et de sens, sont des pensées.*” (Descartes, 1953e, p. 390). Dentre as diferentes maneiras de pensar, o “entendimento” é uma operação da alma que realiza inteleções puras. Assim, no primeiro sentido, as paixões são também inteligidas pelo entendimento, e isto significa que não há uma oposição entre sensibilidade e racionalidade ou pensamento, pois sentir não é nada além de pensar e toda paixão está na razão como sinônimo de alma. Neste caso, a sensibilidade é um modo da alma ou do entendimento, no sentido largo do termo. No entanto, no segundo aspecto do termo “entendimento” – considerado como “a faculdade de inteleções puras” –, este se diferencia da “sensibilidade”, pela qual temos “percepções relacionadas ao corpo”. Portanto, considerando esta interpretação, podemos fazer uma distinção entre “sensibilidade” e “entendimento puro”, e é considerando esta compreensão que empregamos o termo “entendimento” neste texto.

com clareza, e sim com obscuridade, pois, de acordo com o que sentimos, não há precisão nos limites que separam o corpo e a mente. Portanto, pelo viés das paixões, e não do entendimento, podemos ter uma outra abordagem do ser humano, considerando o seu caráter de unidade, e não de separação entre físico e mental. Deste modo, visamos sustentar a idéia de que, na vida prática, o homem cartesiano é uma entidade para ser sentida, mais do que claramente pensada. As paixões, e não o puro entendimento, permitem-nos perceber o homem de uma maneira muito mais próxima do que cotidianamente somos.

Para que possamos discutir nossa perspectiva do ser humano através das paixões, faremos uma recapitulação da tese dualista de Descartes.

## O dualismo cartesiano

Descartes sustenta uma tese dualista a respeito do ser humano, conhecida como “dualismo cartesiano”. Segundo esta, o homem é constituído por duas substâncias: a alma, ou coisa pensante (*res cogitans*), e o corpo, ou coisa extensa (*res extensa*). Corpo e alma possuem atributos distintos: o pensamento, no caso da substância pensante, e a extensão em comprimento, largura e profundidade, no caso da substância física. Do ponto de vista de suas essências, corpo e alma são metafisicamente distintos, isto é, possuem naturezas diferentes.

Segundo o sistema cartesiano, concebemos clara e distintamente a alma sem o corpo e o corpo sem a alma. A clareza e a distinção das idéias constituem os critérios básicos de verdade, visto que, neste sistema, o verdadeiro é aquilo que é evidente para o espírito, isto é, aquilo que é intuível com clareza e distinção. Trata-se, portanto, de uma concepção pura da razão e não de qualquer recurso à experiência sensível. Percebemos clara e distintamente a alma como coisa pensante e não-extensa, e, por outro lado, concebemos com a mesma clareza e distinção que o corpo é uma coisa extensa e não-pensante. (Descartes, 1953d, p. 324) Isto significa que, do ponto de vista do puro entendimento, matéria e espírito são realmente distintos, ou seja, podem existir independentemente um do outro; são, de direito, separáveis.

Na doutrina de Descartes, “alma” (lat. *animus*), “espírito” (lat. *spiritus*) e “mente” (lat. *mens*) são considerados sinônimos<sup>2</sup>; são designações para a *res*

---

<sup>2</sup> Não obstante nossa tradução de “*mens*” por “mente”, o que Descartes entendia por mente é divergente da maioria das teorias contemporâneas da mente, basicamente porque, para a

*cogitans*. O que a doutrina cartesiana tomara em consideração quanto à coisa pensante dizia respeito ao âmbito da atividade mental consciente (Cottingham, 1986, p. 151). Neste contexto, a alma é uma entidade especialmente criada por Deus, e, portanto, não é algo produzido ou uma função de qualquer parte física de nosso corpo, nem mesmo do cérebro; ela não tem materialidade e, por isso, não ocupa lugar no espaço, não pode ser mensurada ou quantificada. À mente pertencem apenas os pensamentos, os quais são elementos de natureza incorpórea, ou seja, são livres de qualquer constituição material. Esta concepção mostra que, do ponto de vista cartesiano, existem no ser humano capacidades e processos que não são de natureza física e, portanto, não podem ser explicados da mesma forma que explicamos os eventos no mundo natural. Atos como duvidar, conceber, afirmar, negar, querer, imaginar e sentir, são atos de consciência, isto é, são apenas formas de pensar. Nada há na mente que não sejam pensamentos.

Por outro lado, segundo a posição cartesiana, o corpo tem suas funções submetidas a leis mecânicas e produzidas sem qualquer referência ao pensamento, como por exemplo, a digestão, a respiração e o movimento dos nervos. De acordo com Descartes, estas ações podem ser exercidas sem a determinação de nossa vontade, pois, querendo ou não, os processos digestivo, respiratório e de estimulação nervosa acontecem no corpo, como os movimentos de um relógio, realizados somente pela força de suas molas e roldanas, e sem requerer uma consciência para o fazer trabalhar. (Descartes, 1953a, p. 166). Enfocando a parte física do homem, seu comportamento e fisiologia são entendidos numa perspectiva mecanicista, do mesmo modo como são explicados quaisquer outros eventos físicos do universo. Neste sentido, o corpo é apenas uma máquina.

Assim, de acordo com a dicotomia físico-mental, os eventos humanos podem ser classificados, ou como modos do pensamento, ou como modos da extensão, os quais podem ser concebidos independentemente. O dualismo de substâncias atesta a separação entre a mente e o corpo e configura o ser humano como uma dualidade corpo-espírito.

## As paixões e o ser humano

Muito embora o dualismo cartesiano distinga os eventos da mente e do corpo, existe, nos seres humanos, uma classe de eventos que não permite

---

doutrina cartesiana, “mente” é uma entidade independente do corpo, inclusive do cérebro, definição hoje discutida e recusada.

ser enquadrada como modos exclusivos do corpo ou da alma. Nossas emoções, sensações e apetites constituem fenômenos que não atestam a separação mente-corpo, mas, ao contrário, explicitam uma relação entre essas substâncias. Frio, calor, som, fome, sede, alegria e raiva, por exemplo, são fruto da relação entre a mente e o corpo – seja o corpo do próprio sujeito ou algum objeto (corpo) externo, e por isso podemos denominá-las experiências de interação psicofísica, ou simplesmente paixões.

Segundo Descartes, a paixão é um evento que acontece na alma, pois é uma experiência que não tem existência fora da mente. Quando ouvimos um ruído, ou sentimos frio, o que temos é uma *percepção* do som, uma *sensação* de frio, e isto nada mais é do que uma forma de pensar, pois tudo que há na alma é pensamento. Se devêssemos enquadrar as paixões de um dos lados da dicotomia físico-mental, seria do lado dos eventos da mente. Contudo, a paixão tem uma singularidade: ela não é pensamento puro, intelectual; ela é um modo de pensar misto, cuja origem está no corpo. A paixão pode, assim, ser definida como uma percepção da alma causada pelo corpo, entendendo a percepção como um ato de consciência que, neste caso, tem no físico a sua gênese. Ela não é um pensamento que a própria mente espontaneamente concebe; como percepção, ela é uma afecção do espírito, isto é, é uma modificação passiva da alma, indicando a recepção de uma ação externa à mente, e não uma produção mental. Em outras palavras, em geral, uma paixão não pode ser provocada pela própria mente, mas por algo que seja externo à alma. Neste sentido, as paixões indicam o corpo como sua condição. Escreve Descartes nas *Meditações*: “*Tous ces sentiments de faim, de soif, de douleur, etc., ne sont autre chose que de certaines façons confuses de penser, qui proviennent et dépendent de l’union et comme du mélange de l’esprit avec le corps.*” (Descartes, 1953d, p. 326).

Deste modo, as paixões não podem ser enquadradas como puramente espirituais, pois se relacionam com o corpo, e tampouco podem ser consideradas como movimentos corporais, já que são percepções da alma, e é nela que primeiramente se manifestam. São causadas pelo corpo, mas sentidas no espírito. Não podem ser classificadas como puramente mentais ou puramente físicas. Neste sentido, escapam à dicotomia físico-mental e expressam o *fato* da união entre a mente e o corpo.

Nesta perspectiva, muito embora possam ser concebidos distintamente, espírito e corpo interagem no mesmo indivíduo. Para Descartes, o ser humano é mais do que uma justaposição destas duas substâncias; ele é uma unidade, na qual corpo e alma agem um sobre o outro. O homem cartesiano não é apenas um composto de espírito e matéria, mas uma união substancial. Como afirma a famosa passagem das

*Meditações*: “*Je ne suis pas seulement logé dans mon corps, ainsi qu’un pilote en son navire, mais, outre, cela, que je lui suis conjoint très étroitement et tellement confondu et mêlé, que je compose comme un seul tout avec lui.*” (Descartes, 1953d, p. 326). As substâncias pensante e extensa estão unidas intimamente, de modo que o espírito não percebe um ferimento no corpo como um registro intelectual, mas como um padecimento da alma: ela sofre, *sente* a dor. Se a mente estivesse posta “ao lado”, ou “dentro” do corpo, apenas como um comandante intelectual, sem ligação íntima ao corpo, ela poderia fazer um registro de algum acontecimento no corpo na forma: “Ocorreu uma ruptura do nervo x, no local y.” Porém, ela não detecta intelectualmente o ferimento; ela é modificada pelo corpo; é afetada por ele, porque “*je compose comme un seul tout avec lui?*”, como diz Descartes. Se não houvesse a união substancial, não produziríamos sentimentos, mas apenas conheceríamos nosso corpo por idéias claras e distintas, afirma Guérout (1968, p. 134). Da união entre a mente e o corpo surgem paixões, e são elas o testemunho de que, do ponto de vista do que sentimos, corpo e espírito não estão separados, mas unidos.

Porém, diante da distinção entre mente e corpo dada pela tese dualista, torna-se difícil compreender como estas duas substâncias possam estar *unidas* no homem. Enquanto o entendimento as compreende como absolutamente distintas, como podemos afirmar sua união? Como podemos entender, por exemplo, que o corpo cause paixões na alma? Como uma substância extensa pode causar percepções numa substância pensante, se não existe qualquer vínculo entre elas? Lembremos que a mente e o corpo são definidos em termos atributivos completamente distintos: a alma é pensante e não-extensa; o corpo é extenso e não pensante. Portanto, do ponto de vista de seus atributos definidores, eles pertencem a categorias excludentes. A relação entre duas coisas metafisicamente incompatíveis não é algo que se possa compreender e explicar satisfatoriamente. A união substancial parece referir-se à conciliação de coisas inconciliáveis, e isto conduz a concepção de ser humano cartesiano a um paradoxo.

Contudo, à parte dificuldades epistemológicas, a união entre corpo e alma é um fato que pode ser experimentado pela faculdade do sentir, que pode ser testemunhado pelas paixões. É o que explica Descartes a Elisabeth, na carta de 21 de maio de 1643, para melhor apresentar a concepção de união entre alma e corpo:

*Premièrement, je considère qu’il y a en nous certaines notions primitives, qui sont comme des originaux, sur le patron desquels nous formons toutes nos autres connaissances. Et il n’y a que fort peu de telles notions; car, après les plus générales, de l’être, du nombre, de la durée, etc., qui conviennent à tout ce que nous pouvons concevoir, nous n’avons, pour le*

*corps en particulier, que la notion de extension, de laquelle suivent celles de la figure et du mouvement; et pour l'âme seule, nous n'avons que celle de la pensée, en laquelle sont comprises les perceptions de l'entendement et les inclinations de la volonté; enfin, pour l'âme et le corps ensemble, nous n'avons que celle de leur union, de laquelle dépend celle de la force qu'a l'âme de mouvoir le corps, et le corps d'agir sur l'âme, en causant ses sentiments et ses passions.* (Descartes, 1989, p. 68)

Mas o importante a ser considerado à respeito das noções primitivas é a maneira como podemos concebê-las, pois sendo primitivas, não podem ser entendidas a não ser por elas mesmas (Descartes, 1989, p. 68). Assim, cada noção deve ser conhecida de uma maneira particular, como afirma Descartes na carta de 28 de junho de 1643 a Elisabeth:

*Je remarque une grande différence entre ces trois sortes de notions, en ce que l'âme ne se conçoit que par l'entendement pur; le corps, c'est-à-dire l'extension, les figures et les mouvements, se peuvent aussi connaître par l'entendement seul, mais beaucoup mieux par l'entendement aidé de l'imagination; et enfin, les choses qui appartiennent à l'union de l'âme et du corps, ne se connaissent qu'obscurément par l'entendement seul, ni même par l'entendement aidé de l'imagination; mais elles se connaissent très clairement par les sens.* (Descartes, 1989, p. 73)

É neste sentido que podemos dizer que o ser humano, na sua condição concreta de ser uma união entre corpo e alma, é uma *experiência* para ser sentida, e não apenas conhecida intelectualmente, como o piloto no navio de que fala Descartes, que faria uma constatação exterior e puramente racional das duas substâncias que compõem o homem.

*Maintenant, que l'âme, qui est incorporelle, puisse mouvoir le corps, cela ne nous est montré par aucun raisonnement, ni par aucune comparaison tirée d'ailleurs, mais par une expérience très certaine et très évidente de tous les jours; c'est une des choses connues par elles-mêmes que nous obscurissons quand nous voulons les expliquer par d'autres.* (Descartes, 1953c, p. 1306; grifo nosso)

Experiência tem, neste contexto, o sentido de ser uma constatação sensorial. É, portanto, um processo da sensibilidade e não do puro entendimento, que se pode alcançar pelos sentidos e pela vida, e não pela metafísica. Como diz Descartes:

*Les pensées métaphysiques, qui exercent l'entendement pur, servent à nous rendre la notion de l'âme familière; et l'étude des mathématiques, qui exerce principalement l'imagination en la considération des figures et des mouvements, nous accoutume à former des notions du corps bien distinctes; et enfin, c'est en usant seulement de la vie et des conversations ordinaires, et en s'abstenant de méditer et d'étudier aux choses qui exercent*

*l'imagination qu'on apprend à concevoir l'union de l'âme et du corps.* (Descartes, 1989, p. 74)

Assim, embora a união entre corpo e alma encontre dificuldades metafísicas, ela é um fato que clama à constatação. Apela à prática, procurando escapar das dificuldades teóricas. Descartes não explica *como* ela acontece, mas afirma que é o *que* vivenciamos. Temos, portanto, duas vias de abordagem do ser humano: uma realizada pelo entendimento; outra pela sensibilidade. Uma distingue a mente do corpo; outra os experimenta como unidos. Existe uma tensão entre o que a razão diz e o que a experiência constata. Poderíamos escolher entre estas duas perspectivas?

Como vimos anteriormente, os critérios básicos de verdade, segundo a doutrina cartesiana, são a clareza e distinção das idéias. Segundo Descartes:

*La connaissance sur laquelle on peut établir un jugement indubitable doit être non seulement claire, mais aussi distincte. J'appelle claire celle qui est présente et manifeste à un esprit attentif ; de même que nous disons voir clairement les objets lorsque étant présents ils agissent assez fort, et que nos yeux sont disposés à les regarder ; et distincte, celle qui est tellement précise et différente de toutes les autres, qu'elle ne comprend en soi que ce qui paraît manifestement à celui qui la considère comme il faut.* (Descartes, 1953b, p. 591)

De acordo com a doutrina cartesiana, um conhecimento seguro deve estar fundado em percepções claras e distintas. Cabe ao entendimento conhecer a natureza das coisas, porque só o puro entendimento pode conceber claramente a *essência* das coisas. “*Car c'est, ce me semble, à l'esprit seul, et non point au composé de l'esprit et du corps, qu'il appartient de connaître la vérité de ces choses-là*”, escreve Descartes nas *Meditações* (1953d, p. 328). E é por ele que podemos fazer ciência, se por ciência entendemos um conhecimento certo e evidente, como afirma Descartes nas *Regras para a direção do espírito* (1953f, p. 39). A evidência deve ser, portanto, o critério do conhecimento verdadeiro, uma vez que ela é a intuição clara e distinta alcançada pelo entendimento.

Por outro lado, as idéias que provêm do nosso corpo ou de outros corpos e nos chegam pelos sentidos são obscuras e confusas, visto que não estão no âmbito do puro entendimento, mas no domínio do composto mente-corpo, mantendo uma relação com algo heterogêneo ao pensamento. É a gênese física das paixões que confere obscuridade aos juízos que fazemos delas. Como afirma Landim, se as coisas exteriores são a causa das paixões, estas, por sua vez, parecem reproduzir, no domínio do pensamento, as impressões causadas pelos corpos. Por esta razão, as paixões são consideradas idéias sensíveis: elas dependem de uma condição

exterior ao pensamento. No entanto, embora estas idéias tenham como causa o corpo, isto não garante juízos de semelhança sobre o que elas supostamente representam. Ou seja, mesmo que o corpo seja a sua causa, isto não significa que o efeito (a idéia, no caso a paixão) seja semelhante à sua causa. (Landim, 1992, p. 94). Pelas idéias sensíveis temos apenas uma forte inclinação para acreditar que elas correspondam a algo no mundo, ou mesmo sobre o que quer que elas possam nos levar a conhecer. Por elas nunca alcançaremos certeza intelectual, uma vez que, ao estarem relacionadas com o corpo, não é possível obter clareza estritamente racional.

Se não podemos ter evidência das paixões, no sentido que falamos acima, então por esta via, a via da sensibilidade, não alcançamos verdade, e daí não podemos construir ciência, cartesianamente falando. Do mesmo modo a unidade substancial não pode ser admitida com certeza, uma vez que são paixões, isto é, idéias confusas e obscuras, e não idéias claras e distintas, que estão sendo colocadas em questão para seu conhecimento. De acordo com Franklin Leopoldo, a união entre duas substâncias metafisicamente incompatíveis não é algo clara e distintamente compreensível, suscetível de ser abordado teoricamente. Ele afirma:

Não é aceitável para o entendimento que duas substâncias de direito separadas possam estar de fato intimamente unidas. Assim como não há ciência do mundo exterior, também não há ciência da natureza humana enquanto composto substancial. (Silva, 1993, p. 76)

Se, então, buscamos o caminho da verdade cartesiana para conhecer o ser humano o que dele podemos saber é o que a razão pode nos indicar. E o que ela nos indica é a distinção corpo-mente. Certamente o entendimento apresenta com clareza as concepções de alma e corpo, sem as quais não poderíamos compreender de que substâncias o homem é composto. Além disso, é o entendimento puro a única fonte de conhecimento das essências, seja a humana, seja de todas as coisas.

No entanto, embora esta seja a via mais segura para o conhecimento, ela negligencia grande parte da existência humana: uma vasta gama de emoções e sensações que não são contempladas neste esquema dualista. Enquanto isso, a via da sensibilidade, por mais incerta que possa ser do ponto de vista científico, nos mostra o homem na sua complexidade e riqueza psicológica. Como diz Cottingham:

As paixões, modalidades da experiência exclusivas da união mente-corpo, testemunham o fato de que não somos pura *res cogitans* ou “coisas

pensantes”, mas *seres humanos*, cuja vida cotidiana está intimamente ligada a estados e eventos corporais. É possível imaginar seres cujas vidas operem em nível unicamente intelectual, que calmamente contemplem aquelas proposições que a análise racional revela verdadeiras e calmamente persigam os objetivos racionalmente percebidos como vantajosos. Tal vida seria talvez “superior” à nossa, no sentido de ser livre das tensões e turbulências que freqüentemente têm origem no lado corporal de nossa natureza. Mas também seria estranhamente “incolor”, em comparação com o vívido intercâmbio de emoção e sentimento que caracteriza a existência humana. (Cottingham, 1999, p. 51)

Ainda que Descartes tenha buscado o fundamento seguro para o verdadeiro conhecimento na razão e, assim, reconstruir a ciência através do entendimento tão-somente, quanto ao ser humano, sua doutrina não pode abdicar da sensibilidade. Deste modo, para uma antropologia cartesiana, a razão não é suficiente para explicar a *totalidade* do homem. Como diz Descartes no *Discurso do método*:

*Il ne suffit pas qu'elle [a alma] soit logée dans le corps humain, ainsi qu'un pilote en son navire, sinon peut-être pour mouvoir ses membres, mais qu'il est besoin qu'elle soit jointe est unie plus étroitement avec lui, pour avoir outre cela des sentiments et des appétits semblables aux nôtres, e ainsi composer un vrai homme.* (Descartes, 1953a, p. 166)

O homem verdadeiro de que fala Descartes é o ser humano que concretamente somos, ou seja, a experiência do composto mente-corpo que vivenciamos cotidianamente. Isto não significa que as paixões nos mostrem a verdade do homem, pois o verdadeiro é alcançado pela faculdade de conceber, não de sentir. Não nos levam a conhecê-lo com o rigor do método cartesiano, já que o verdadeiro conhecimento se faz pelo entendimento. De fato, pela sensibilidade, não chegamos à essência do homem, pois esta só se alcança com clareza e distinção das idéias da razão. Mas as paixões são testemunhas da experiência de que somos não apenas coisa pensante, mas uma totalidade mente-corpo. Por elas, podemos ter uma “compreensão” dos seres humanos, não com evidência para o pensamento, mas com certa obscuridade; podemos não nos “alcançar” pela pura razão, mas pela sensibilidade. Como diz Étienne Gilson (1984, p. 250), a relação entre corpo e mente não pode ser concebida, mas pode ser sentida. Concebemos a distinção entre mente e corpo, mas sentimos sua união. E acrescenta John Cottingham:

É a *estranheza* de sensações psicofísicas como fome e dor, sua dissimilaridade inerente com as percepções transparentes do intelecto, que nos mostra que

não somos simplesmente mentes puras anexadas a corpos. Em lugar disso, este corpo em particular é meu de uma maneira peculiar, ainda que inegável e vividamente manifesta. Essa é, por assim dizer, a “assinatura” característica de minha existência não apenas como “coisa pensante” conectada a um corpo mecânico, mas como um amálgama único de mente e corpo, um *ser humano*. (Cottingham, 1999, p. 43)

Assim, enquanto considerarmos o homem em sua totalidade, este deve ser concebido como uma unidade substancial e não meramente um espírito. O ser humano não é uma terceira substância que se formou de duas, mas uma criatura que entendida por inteiro e apesar de composta de duas substâncias, é uma só e, talvez, um ente privilegiado por isso mesmo. A noção de ser humano que temos aqui não diz respeito a uma outra classe ontológica, entretanto. Não há uma categoria chamada “humana” ao lado das substâncias “corpo” e “alma”. O que há, do ponto de vista fenomenológico, é um outro aspecto dessas substâncias. Elas não são vistas como coisas separadas, ou separáveis, pelo entendimento, mas são consideradas em seu aspecto de composição, na perspectiva da sensibilidade.

Para Descartes, a garantia da união entre mente e corpo e do que as paixões nos dizem é dada pela veracidade divina. As paixões e o que elas nos inclinam a crer são ensinamentos da natureza, cuja confiabilidade está no fato de serem instituídas no homem por Deus, a entidade de suprema bondade e veracidade. Apesar dos possíveis juízos falsos que possamos fazer sobre os dados dos sentidos, dando margem a enganos e ilusões perceptivas, razão pela qual, segundo Descartes, não é possível segurança no conhecimento engendrado a partir deles, os sentidos têm alguma credibilidade. A natureza nos confiou os sentidos e as paixões, mostrando através de inclinações naturais informações sobre o estado de nosso próprio corpo e dos demais, e isto tem uma garantia divina.

*Or il n'y a rien que cette nature m'enseigne plus expressément, ni plus sensiblement, sinon que j'ai un corps qui est mal disposé quand je sens de la douleur, qui a besoin de manger ou de boire, quand j'ai les sentiments de la faim ou de la soif, etc. Et partant je ne dois aucunement douter qu'il n'y ait en cela quelque vérité.* (Descartes, 1953d, p. 326)

De acordo com Guérout, a veracidade divina é invocada para garantir uma verdade intrínseca aos sentimentos revelando sua dupla função: a de nos ensinar a união entre a mente e o corpo e de nos levar informações indispensáveis a manter sua integridade. O obscuro e o confuso apenas são falsos quanto à natureza essencial das coisas (isto é reservado às idéias claras e distintas que nos propiciam conhecer). Mas são inteiramente verdadeiros

com respeito a isto que nos corpos existentes é útil e nocivo a nosso próprio corpo e, por conseguinte, à nossa natureza composta. (Guérout, 1968, p. 59-60)

Neste sentido, as paixões nos impedem de sustentar uma visão ou estritamente fisicalista, ou puramente espiritual do homem neste sistema. Por isso, salientamos a relevância de estudar o ser humano cartesiano sob o ponto de vista das paixões: elas salvaguardam a estranha combinação corpo e espírito que Descartes tentou formular como sendo um homem como um todo. Uma interação difícil de explicar? Sim, mas uma relação que, para Descartes, podemos constatar todos os dias. Como diz Guérout (1968, p. 201): “Não há como compreender, mas apenas nos inclinar diante de um fato”. Uma relação dificilmente compreensível, mas irrecusável psicologicamente falando. Assim, embora as paixões não tenham a confiabilidade do conhecimento elaborado pelo entendimento, pelo qual podemos conhecer nossa essência, nossas sensações, apetites e sentimentos constatam nossa condição existencial no mundo de interação mente-corpo.

Enfim, a antropologia de Descartes necessita reintegrar as paixões à experiência humana, sob pena de não considerar a totalidade do homem, mesmo que isso signifique sair da esfera da clareza racional e embrenhar-se na obscuridade e confusão. As paixões devem ser consideradas não somente para melhor compor o ser humano, mas, porque somente os sentimentos e emoções são capazes de transpor os limites do dualismo cartesiano. Ou seja, a integração dos sentimentos no estudo do homem não necessariamente significa um contra-senso à sua doutrina dualista. Significa que é preciso extrapolar os limites do entendimento puro e da metafísica para reconhecermos o ser humano na sua verdadeira experiência de vida.

## Considerações finais

Não obstante a interpretação tradicional a respeito do ser humano cartesiano, pela qual o puro pensamento leva-nos a conceber o homem como uma dualidade corpo-espírito, visto que mente e corpo são concebidos como substâncias de natureza distinta, a perspectiva aqui abordada enfoca o homem na doutrina de Descartes sob um outro aspecto: a partir do ponto de vista das paixões que testemunham o fato da união entre corpo e espírito. Salientamos que a mudança de perspectiva significa mover a atenção do âmbito da metafísica para o domínio da existência, ou

seja, daquilo que concebemos clara e distintamente, para aquilo que vivenciamos.

O que percebemos, ao salientar essa diferença de perspectiva, é que aquilo que o entendimento nos diz não é o que a experiência constata. O ser humano do ponto de vista da essência não é o mesmo do ponto de vista da experiência. Pelo entendimento concebemos a essência humana; pela sensibilidade testemunhamos a condição existencial do homem. Concebemos a distinção entre a alma e o corpo, mas sentimos sua união. Aquilo que pensamos claramente ser não é o que constatamos cotidianamente. Assim, o ser humano como uma união substancial é uma possibilidade psicológica e não epistemológica, no sentido de que a relação entre mente e corpo não pode ser concebida claramente pelo entendimento, mas somente sentida.

Diante disso, entendemos que a abordagem mais adequada para descrevermos o ser humano em sua experiência concreta é proporcionada pelas paixões, ainda que elas não forneçam conhecimento da essência do homem. Pela sensibilidade, o ser humano cartesiano se apresenta em sua totalidade, isto é, considerando a gama de eventos psicofísicos, como as sensações, emoções e apetites, além de eventos puramente intelectuais, como reflexões e cogitações, e eventos físicos, como os processos corporais que, segundo Descartes, não necessitam da vontade e decisão do sujeito para serem realizados. Esta perspectiva nos permite considerar o homem distintamente da ênfase racionalista proporcionada pela visão dualista do entendimento, reconhecendo a obscuridade do composto humano. As paixões mostram o quanto somos mundanos, “sensíveis” e não apenas “espirituais”. É esta condição humana que as paixões fazem-nos enxergar. Uma condição que nos aproxima dos animais e nos distancia de Deus.

A interpretação do homem na doutrina cartesiana, sob o ponto de vista das paixões, não apresenta, entretanto, uma posição oposta à interpretação tradicional do ser humano cartesiano. Ela amplia a perspectiva da antropologia de Descartes. Não se trata, portanto, de uma escolha entre a razão e a experiência sensível. Trata-se de uma extrapolação dos limites do conhecimento intelectual, o que somente os sentimentos e sensações podem alcançar. Para falar do ser humano é preciso deixar de lado a pura razão e a comprovação científica, porque o ser humano não é uma entidade para ser pensada, mas para ser sentido e vivido. Se o modelo cartesiano de conhecimento verdadeiro não pode dar conta da totalidade humana, talvez seja preciso abandonar o desejo de verdade estritamente intelectual no domínio da vida, ou, então, reinventar o conhecimento a respeito do homem, buscando na experiência sensível a resposta, obscura que seja, mas

mais próxima do que de fato somos. Porque neste âmbito, no domínio da vida prática, o ser humano cartesiano é mais uma experiência do que sentimos ser, do que pensamos claramente ser.

## Referências

- COTTINGHAM, J. *A filosofia de Descartes*. Trad. de Maria do Rosário Sousa Guedes. Lisboa: Edições 70, 1986.
- COTTINGHAM, J. *A filosofia da mente de Descartes*. Trad. Jesus de Paula Assis. São Paulo: UNESP, 1999. (Coleção Grandes Filósofos).
- DESCARTES, R. *Discours de la méthode*. In: BRIDOUX, A. (Ed.). *Descartes: œuvres et lettres*. Paris: Gallimard, 1953a. (Bibliothèque de la Pleiade).
- DESCARTES, R. *Les principes de la philosophie*. In: BRIDOUX, A. (Ed.). *Descartes: œuvres et lettres*. Paris: Gallimard, 1953b. (Bibliothèque de la Pleiade).
- DESCARTES, R. Lettre de Descartes a Arnauld de 29 juillet 1648. In: BRIDOUX, A. (Ed.). *Descartes: œuvres et lettres*. Paris: Gallimard, 1953c. (Bibliothèque de la Pleiade).
- DESCARTES, R. *Méditations*. In: BRIDOUX, A. (Ed.). *Descartes: œuvres et lettres*. Paris: Gallimard, 1953d. (Bibliothèque de la Pleiade).
- DESCARTES, R. *Objections et réponses*. In: BRIDOUX, A. (Ed.). *Descartes: œuvres et lettres*. Paris: Gallimard, 1953e. (Bibliothèque de la Pleiade).
- DESCARTES, R. *Règles pour la direction de l'esprit*. In: BRIDOUX, A. (Ed.). *Descartes: œuvres et lettres*. Paris: Gallimard, 1953f. (Bibliothèque de la Pleiade).
- DESCARTES, R. *Correspondance avec Élisabeth et autres lettres*. Paris: GF-Flammarion, 1989.
- GILSON, É. Anthropologie thomiste et anthropologie cartésienne. In: GILSON, É. *Études sur le rôle de la pensée médiévale dans la formation du système cartésien*. Paris: Vrin, 1984. p. 245-255.
- GUÉROULT, M. *Descartes selon l'ordre des raisons*. 2. ed. Paris: Montaigne, 1968. Vol. II.

LANDIM, R. *Evidência e verdade no sistema cartesiano*. São Paulo: Loyola, 1992.

SILVA, F. L. *Descartes: a metafísica da modernidade*. São Paulo: Moderna, 1993.  
(Coleção Logos).